

A POÉTICA INOVADORA DE OSWALD DE ANDRADE

Sarah Diva da Silva Ipiranga
*Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade
Federal de Minas Gerais - UFMG e Professora de
Literatura em Língua Portuguesa na
Universidade Estadual do Ceará.*

1. Retratos de um homem

Dentro do modernismo brasileiro, a figura de Oswald de Andrade ocupa lugar de destaque, sobretudo pelo espírito polêmico e inquieto que sempre o distinguiu. Dinâmico e exaltado, foi o idealizador dos principais manifestos modernistas (**Manifesto Pau-brasil/1924** e **Manifesto Antropófago/1928**), em que propunha uma total remodelação tanto da literatura brasileira, ainda pautada pela tradição parnasiana, inócua e beletrista¹, como da nossa sociedade, ultrapassada, arcaica e resistente aos avanços do progresso.

Para enfrentar estas duas ‘senhoras bem comportadas’, Oswald criou propostas estéticas audaciosas, com destaque para o “canibalismo cultural”, que seria “a devoração ritual dos valores europeus”. Homem viajado, não prescindia da cultura do velho continente, mas acreditava que ela não podia ser assimilada sem transposições nacionais (“*Transponho a vida. Não copio igualzinho... Tudo em arte é descoberta e transposição.*”). Valorizando a força primitiva que marcava a nossa nação (“*contra a cópia, pela invenção e pela surpresa*”) e que não foi apagada pela investida colonizadora, tentou imprimir à nossa literatura vitalismo, energia e renovação.

1 No Manifesto da Poesia pau-brasil, Oswald ironicamente ataca os parnasianos: “Só não se inventou uma máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano.”

Ao lado de Mário de Andrade, Graça Aranha, Guilherme de Almeida, Ronald de Carvalho, Menotti del Pichia, Manuel Bandeira, Sérgio Milliet e outros, o antropófago Oswald sacudiu a São Paulo do início do século XX com as apresentações inusitadas e irreverentes da **Semana de Arte Moderna**, evento que se inscreveu na história da literatura brasileira como uma real ruptura. Revisitando as nossas origens e alterando o código lingüístico, os modernistas romperam com as tradições passadistas e, principalmente na sua primeira fase, rascunharam uma literatura ágil e veloz (“*Ágil o teatro, filho do saltimbanco. Ágil e ilógico. Ágil o romance nascido da invenção. Ágil a poesia. A Poesia Pau-Brasil.*”), como o progresso que ansiavam para o nosso país, em uma linguagem coloquial que forçava a aproximação leitor-texto (“*A língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos.*”). Em um primeiro momento, entretanto, foram muito mal entendidos e vítimas de preconceitos diversos, atitudes comuns diante da insurgência do novo: “*Nenhuma obra sensata foi produzida até hoje pelos modernistas. Em música são ridículos, na poesia são malucos e na pintura são borradores de tela.*” (Oscar Guanabarro)

Ao lado da agitação cultural, Oswald notabilizou-se também pelos casos amorosos (seis casamentos). Iconoclasta, irreverente e sedutor, essa parece ser a imagem que mais tem identificado o autor paulista e que suplantou, em certa medida, a sua produção artística. Seus livros (poesia, romances, obra ensaística, teatro, escritos políticos etc.²) só adquiriram importância no cânone nacional depois da década de sessenta. Através da releitura do crítico Haroldo de Campos, que o alçou à categoria de escritor e não só de mero panfletário, como querem alguns críticos, a obra oswaldiana vem sendo objeto de estudo acadêmico.

2. Um homem sem profissão: sob as ordens da mamãe – memórias e confissões / Memórias sentimentais de João Miramar – romance/ Serafim Ponte Grande – romance/ Pau-Brasil – poesia/ O primeiro caderno do aluno de poesia Oswald de Andrade – poesia/ Os condenados ou Trilogia do exílio (A alma, A estrela do absinto, A escada) – romance/ Os dentes do dragão – entrevistas/ O rei da vela – teatro/ A morta – teatro/ O homem e o cavalo – teatro/ A utopia antropofágica – manifestos e teses/ O santeiro do mangue e outras poesias – poesia/ Estética e política – ensaios.

Antonio Candido foi outro que anteviu qualidades e recursos estilísticos apurados nos livros de Oswald. Além do espírito crítico e investigativo com o qual analisava a produção andradina, Candido foi amigo e defensor do poeta:

“Oswald, ao contrário, era espontâneo e intuitivo, mentalmente brilhante, mas pouco ordenado. Por isso nunca procurou domar racionalmente o jogo das contradições. Com sua enorme força de vida ele sempre arrastou tumultuosamente as contradições não solucionadas... lembrando que ele é quase sempre excelente na poesia, no teatro e no debate de idéias.”

É claro, as opiniões não eram uníssonas e Oswald também despertava muita antipatia:

“...vendedor habilíssimo dos novos produtos da arte e da literatura moderna”, mas “não soube interpretar corretamente a ideologia do grupo modernista. Não lhe faltava inteligência, faltava-lhe cultura, para não dizer simples leitura.” (Borba de Moraes)

Entender Oswald de Andrade, se isso é possível, já que a compreensão exige um esforço retilíneo, ao contrário da obra oswaldiana, circular e multiforme, requer de nós, portanto, um afastamento do convencionalismo e uma aproximação com uma visão heterodoxa e aberta do esforço literário. Homem multimídia, polemista insuperável, amante incorrigível, Oswald foi quem melhor representou o espírito inovador do modernismo brasileiro. Assim, para seguir sua trajetória ímpar na história das letras nacionais, talvez um bom começo seja analisar a sua relação paradoxal com as vanguardas européias.

2. A “força fatal das vanguardas”

A emergência das vanguardas européias (futurismo, cubismo, dadaísmo, expressionismo, surrealismo etc.) no início do século XX evidenciou uma época de conflitos e rupturas, de insatisfação com a

ordem reinante. A partir de seus manifestos e da circulação de inúmeras revistas, as vanguardas saíram do campo panfletário e foram incorporadas à produção artística e literária de muitos países. Tanto em Portugal quanto no Brasil, a sua ascendência teve repercussões ativas e desencadeadoras de movimentos marcantes na história literária dos respectivos países, principalmente no que diz respeito à construção de um projeto de modernidade.

Viajante e cosmopolita, Oswald tomou contato especialmente com o **Futurismo**, vanguarda em voga na França, com grande destaque para seu criador, o italiano **Marinetti**. Para que as propostas futuristas fiquem claras e se tenha dimensão do grau de ruptura que ela propunha, selecionamos alguns itens do Manifesto Futurista de 1909:

“ Nós queremos cantar o amor ao perigo, o hábito à energia e à temeridade.

. Nós queremos exaltar o movimento agressivo, a insônia febril,..., a bofetada e o soco.

. Nós declaramos que o esplendor do mundo se enriqueceu com uma beleza nova: a beleza da velocidade.

. Nós queremos glorificar a guerra...

. Nós queremos demolir os museus, as bibliotecas...

... fundamos hoje o Futurismo, porque queremos livrar a Itália de sua gangrena de professores, de arqueólogos, de cicerones e de antiquários.

Porque a arte não pode ser senão violência, crueldade e injustiça.

Mas nós não queremos escutar!

De pé sobre o cimo do mundo, nós lançamos ainda uma vez mais o desafio às estrelas!”

Foi esse espírito iconoclasta que Oswald trouxe para o Brasil e com ele contaminou os artistas de então³. A partir da Semana, muitos

3 Antes da Semana de Arte Moderna, outros eventos tiveram lugar e prepararam o clima de mudança radical que iria acontecer: a exposição expressionista de Lasar Segall em 1913, a polêmica exposição de Anita Malfati em 1917 que origina a discussão com Monteiro Lobato, o lançamento de **Há uma gota de sangue em cada poema**, em 1917 e **Paulicéia desvairada**, em 1922, ambos de Mário de Andrade.

grupos se formaram e surgiram as revistas: **Klaxon**, **Estética**, **A Revista**, **Festa**, **Maracajá** etc. Apesar das divergências de concepção e de orientação teórica, as propostas se assemelhavam: revisão dos valores nacionais, rompimento com as estéticas passadistas (o texto “Mestres do passado”, de Mário de Andrade, é um ótimo exemplo dessa postura), liberdade na experimentação lingüística, adequação à modernidade européia, uso recorrente da ironia⁴ e da paródia.

3. A obra circular

Poeta, romancista, dramaturgo. Oswald são muitos. De poemas instantâneos, que captavam a surpresa imediata da vida, aos romances intencionalmente fragmentados, passando pelo teatro engajado, resultado da incursão de Oswald pelo Partido Comunista, encontramos um artista multifacetado, nem por isso menos pleno.

Dentro da produção romanesca, duas narrativas se destacam: **Memórias sentimentais de João Miramar** e **Serafim Ponte Grande**. A primeira, fruto de um trabalho exaustivo de dez anos, o que desmistifica a idéia corrente de um escritor apressado, que não se demorava na feitura de seus livros, causou perplexidade pela inventividade de que estava revestida. Através de recursos inéditos na prosa brasileira: desestruturação da sintaxe, fragmentação dos capítulos (130 quadros), proximidade com a linguagem cinematográfica, desarticulação da lógica narrativa habitual, rompimento com a linearidade dos fatos, Oswald de Andrade elaborou uma nova forma discursiva. Ao lado da desconstrução languageira, da paródia e do enredo criativo, o romancista desenhou uma imagem ácida da burguesia paulista, provinciana e medíocre, ironicamente retratada.

Serafim Ponte Grande também aponta inovações fundamentais. Um pouco mais pessimista, com tendências ao humor mais do que à

4 O recurso da ironia é fundamental, principalmente, na obra de Oswald de Andrade. Ela é fundadora de seus textos e dará o tom geral da sua obra. Segundo Sônia Brayner: “A ironia tem aí um papel importante na conquista de uma nova sistemática para a criação artística e social. É ela que aciona de modo efetivo a tensão existente entre o interesse da sociedade vigente e a liberdade possível.”

ironia, o livro se destaca pela introdução instigante, que se tornou referência no estudo da sua obra. Reunindo uma grande parte das características modernistas, ele insiste na denúncia social e na ridicularização das vilezas humanas.

Em relação ao teatro, a obra relevante, sem dúvida, é *O rei da vela*. Concisa e bem construída, ela tem seu ponto alto na construção dos personagens, que já se tornaram antológicos face à relação estreita com os tipos nacionais.

Sua poesia, talvez a produção mais conhecida, impressiona pela simplicidade e pelo lirismo. Não o lirismo subjugado dos românticos, mas uma construção lírica diferenciada, em que qualquer objeto pode se tornar matéria poética. A simplicidade está explícita em *3 de maio*, espaço poético onde o autor apela para a descoberta casual do sentido da poesia: descompromisso e liberdade.

Aprendi com meu filho de dez anos
Que a poesia é a descoberta
Das coisas que eu nunca vi.

Em *Canto de regresso à pátria*, a verve parodística se aprimora para dessacralizar o poema maior de exaltação nacional, a *Canção do exílio*, de Gonçalves Dias: “Não permita Deus que eu morra/ Sem que volte pra São Paulo...”

Já em *Balada do Esplanada*, a percepção de um novo lirismo e da abertura às novas formas poéticas se expõe de forma pungente:

Ontem à noite
Eu procurei
Ver se aprendia
Como é que se fazia
Uma balada
Antes d'ir
Pro meu hotel
[...]

Mas não há poesia
Num hotel
Mesmo sendo
'Splanada
Ou Grand-Hotel

Há poesia
Na dor
Na flor
No beija-flor
No elevador

Disseminando, assim, poesia por todos os espaços, sujos, poluídos, pobres ou nos salões da elite paulista, Oswald contaminou a literatura brasileira com sua alegria infantil, seu estilo inconfundível e inovador e, sobretudo, com a sua capacidade de ser muitos ao mesmo tempo.